

O outro lado da alma

IZABEL TELLES



O OUTRO LADO DA ALMA

Copyright © 1998, 2016 by Izabel Telles

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Ilustrações de capa e miolo: **Guilherme Vianna**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Com a palavra, o cliente: uma apresentação	11
Parte 1. Os rumos da minha vida	17
Uma inquietude na alma.	18
Como descobri o meu “dom”	19
O novo caminho	20
Parte 2. A leitura do inconsciente	25
Uma homenagem a Jung	26
O começo.	26
As imagens contêm todo o conhecimento que precisamos ter de nós mesmos.	28
As imagens que falam sobre o estado de saúde.	33
O inconsciente funciona como uma máquina fotográfica	34
A rotina da técnica	34
Como vejo as imagens.	36
Os desenhos	37
Como o inconsciente faz o seu trabalho	38
No inconsciente mora a criatividade.	39
A riqueza simbólica do inconsciente é inesgotável	39

O que faço com as imagens	41
Você acredita em vidas passadas?	41
O núcleo	42
Para que serve o contato com o estado inconsciente?	44
Parte 3. Um estudo de caso	49
Leitura das imagens do inconsciente de E.	50
Parte 4. Algumas leituras do inconsciente	67
Q. – Uma história fantástica	68
J. – O amor ideal	76
R. – As mãos paralisadas	81
S. – A busca do autoconhecimento	83
N. – Sob anestesia	87
D. – “Produzindo” um filme	90
E. – A cabeça dentro do peito	105
H. – A estrangeira	114
C. – O menino mudo.	119
Parte 5. Leituras sobre o amor, a vida e a morte	129
Voltando às origens	130
O que mudou na mente das pessoas nos últimos anos?	132
M. J. – O amor um dia há de chegar.	134
A história de R. M. S.	163
S. M. – Construindo a vida sozinho	170
S. M. e a dificuldade de partir	175

Com a palavra, o cliente: uma apresentação

Izabel,

Quantas imagens de mim, do meu mundo de dentro e de fora. A carroça guiada por um condutor impaciente; caleidoscópios; catedrais destelhadas. Tudo remexido e lentamente pousado em novo prumo. Tudo cíclico, tudo se transformando tantas vezes quantas for o meu olhar: a areia se move dentro da ampulheta, indiferente ao tempo que a observa. Entre um e outro silêncio novo, acarício meus pés e, humanamente, agradeço-lhes por me terem levado até você. Obrigada!

BETTINA

Meu primeiro contato com Izabel Telles se deu quando resolvi marcar uma leitura do inconsciente. Ao chegar ao seu consultório, fui me interiorizando para que aquele momento fosse produtivo no meu processo de autoconhecimento. Depois de breves apresentações, o trabalho começou. No início da leitura, tive muitas sensações; uma mistura de ser desvendada com uma ansiosa curiosidade e um medo do que poderia vir. Toda a descrição, com tanta sabedoria e confiança, dá um profundo conforto de saber que alguém está nos entendendo sem interpretações, o que alivia a tensão inicial. Conforme a leitura acontecia, eu ia localizando sensações inconscientes que me acompanhavam havia alguns dias e as quais eu não sabia acessar. No final do processo, eu estava absolutamente consciente do meu momento, das coisas e pessoas com quem eu não con-

seguia lidar e do progresso que já atingira até ali. Esse estado deu-me muita confiança para entender e enxergar que caminhos eu precisava tomar ao acordar no dia seguinte. A leitura me deu rumo. Por trabalhar com sistemas filosóficos de autoconhecimento, escuto pessoas descrevendo suas histórias e percebo que um aspecto que impede seu crescimento é a resistência em enxergar e admitir os próprios sentimentos e ações. É nesse ponto que vejo o imenso valor do trabalho de Izabel Telles: trata-se de uma poderosa ferramenta de autopercepção. Tive contato profissional com vários de seus clientes e percebi que, após as leituras, eles tinham nas suas gravações uma valiosa arma para, muito mais conscientes, trabalhar com determinação áreas da vida que precisavam e queriam transformar. Outro aspecto importante do trabalho da Izabel é que não existe avaliação ou interpretação, e sim uma descrição do momento da pessoa, o que aumenta as possibilidades de acerto. Acredito que o autoconhecimento transforma a nossa condição espiritual e, portanto, penso que a habilidade de Izabel Telles pode contribuir muito para a evolução do planeta.

GLAUCIA PAIVA

1 2

Em uma hora de sessão, Izabel descreveu os pontos mais importantes da minha existência, usando, para isso, imagens, símbolos, metáforas e músicas que dormiam dentro do meu inconsciente e eu nem suspeitava. Com base nessas imagens, dei um novo rumo à minha história.

M. H. S.

Sem usar nenhum recurso de hipnose, Izabel comoveu todo o meu ser quando foi relatando, como cenas de um filme, o drama central da minha vida.

A. T.

Cheguei ao consultório de Izabel Telles e fui logo dizendo que meu forte não era contar coisas da minha vida. Disse também que minha terapeuta tentava saber mais sobre mim havia anos e o processo estava se tornando cada vez mais difícil

para ambos. Izabel perguntou se poderia ir narrando as imagens que meu inconsciente fosse revelando sobre a minha personalidade. Depois de uma hora de sessão, eu tinha em mãos uma gravação que sem dúvida nenhuma abriu as portas de um trabalho muito mais produtivo com minha terapeuta.

C. H. P

Confesso que, quando marquei consulta com Izabel (por conselho do meu médico), relutei um pouco em ir, pois não sabia exatamente o que ia acontecer comigo. Porém, ela foi descrevendo as cenas do meu inconsciente com tanta riqueza de detalhes – cores, pessoas, bichos, letras de música – que não pude deixar de sentir o cheiro da casa da minha avó, um lugar para onde ia sempre nas férias, e recordar de uma pessoa que marcou profundamente toda a minha vida.

M. L. S.

13

Querida Izabel, expor ao público buscador de si mesmo sua habilidade sensível proporciona-nos um horizonte mais amplo, pois você preenche a lacuna deixada pelas teorias, que é a ação, a prática. Assim, esses assuntos ficam mais “palpáveis”.

V. R.

Sou empresário, com formação em Ciências Exatas, passando neste momento por um processo de psicanálise. Minha psicanalista sugeriu que eu conhecesse o trabalho de Izabel Telles. Aceitei prontamente, marquei uma consulta e submeti-me à leitura do inconsciente. Enquanto Izabel descrevia as imagens que via, vivenciei detalhe a detalhe as cenas, associando a cada uma delas os estados emocionais que trabalhava na análise. Aquelas cenas para as quais não consegui associações imediatas revelaram-se, mais tarde, plenamente pertinentes ao que me sucederia, mostrando quanto o inconsciente prepara as circunstâncias para que ocorra o que nele colocamos. Esse dom de Izabel Telles

que permite desvendar o inconsciente é uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento, e a beleza desse processo está em sua ética – ela, em momento nenhum, interfere ou influencia o paciente. Simplesmente descreve. O trabalho é único, bem como Izabel.

L. C. P. M.

Aos colegas terapeutas, gostaria de falar brevemente sobre o trabalho de Izabel Telles, o qual venho acompanhando com dedicação, interesse e atenção. Sem nenhuma técnica que envolva relaxamento, hipnose ou práticas espirituais, vejo clientes confirmarem, após o término de cada sessão, que reconhecem no material onírico captado do seu inconsciente acontecimentos que relatam com clareza situações de conflito ou desconforto que vêm se repetindo ao longo da vida, situações essas que eles não sabiam estar “gravadas” no seu inconsciente. É interessante a forma como Izabel relata esses conteúdos: com calma, paciência e uma riqueza imensa de detalhes. Ela vai “contando” cada cena como se estivesse “sonhando pelo cliente”, trazendo das profundezas de cada um passagens totalmente pessoais e diferenciadas, confirmando que cada ser humano é único, especial, tendo no seu mais profundo “arquivo” imagens que elucidam complexos, conflitos, passagens. Momentos que, à medida que vão sendo “resgatados”, comovem, encantam, abrem novos movimentos, apressam os passos da caminhada rumo ao autoconhecimento e à transformação pessoal. Nessa medida, este material tem se mostrado muito útil na compreensão dos mecanismos psíquicos, enriquecendo o processo analítico tanto na fase de diagnóstico como em momentos delicados do desenvolvimento psicoterápico.

14

A. A.

Ao escrever sobre a vivência que tive com Izabel Telles, comecei a navegar por todos os nossos encontros – tão ricos, mágicos, profundos, iluminadores. É como se ela pudesse ver, sentir, penetrar na imensidão misteriosa do inconsciente. É como se ela, ao fechar os olhos e respirar profundamente, conseguisse relatar sonhos. Não os de qualquer um, mas as imagens que me pertenciam, faziam parte da minha história, faziam sentido para mim. Só para mim! E mais: as imagens relatadas por Izabel vinham na sequência do meu desenvol-

vimento como Ser, conforme pude perceber ao longo das sessões nas quais minha terapeuta e eu nos debruçamos sobre aqueles símbolos. Deixo para os outros a tarefa de explicar de que forma a Izabel consegue fazer esse trabalho, porque o que importa para mim é desfrutar dessa sensibilidade de um ser, no mínimo, iluminado!

REGINA NATEL

Considero a sensibilidade da Izabel Telles para detectar imagens visuais do inconsciente uma ferramenta de inestimável valor para o meu trabalho terapêutico, tendo em vista que encontro dificuldade de acessar o inconsciente de alguns pacientes com rígidas estruturas racionais – sobretudo os homens, que, pelo seu milenar histórico genético, negaram a própria intuição ao castrar a mulher para conquistar o poder. A obtenção e a manutenção desse poder transformaram-nos em robôs manipulados por valores equivocados e crenças castradoras, impossibilitando-nos de ser criativos, prósperos e livres. Essa habilidade sensitiva de Izabel Telles é a ferramenta de que precisávamos para solucionar muitos casos psíquicos e psicossomáticos. Parabéns e obrigado!

15

VITOR

Para falar do trabalho de Izabel Telles, é necessária uma retórica imagética, metafórica, onírica. Tudo que eu disser deve ser ouvido com um “como se”, pois nele nada é exato, teórico ou provado. Comprovado, sim, se respeitarmos o que nos é apresentado como se faz com um sonho – nunca julgamos da ótica do falso/verdadeiro, provável/improvável. As imagens que nossos sonhos revelam bastam. Foi assim que compreendi a vivência que me foi oferecida por Izabel: como se aquela mulher pudesse ler meus sonhos, abrir o baú do meu imaginário, penetrar os corredores da minha imaginação! Os símbolos que apareciam em seu relato eram-me mais que familiares – eram íntimos, biográficos. Não havia dúvida, aquele relato era meu e as imagens estavam todas ali ao meu dispor, desfilando, reveladas. Pude reconhecer pequenos detalhes, ambientes, personagens, cenários, sons, sinais. Dicas. Ao final da sessão, conversamos um pouco sobre “o que era aquilo”, que “nome” dar àquele dom, àquele recurso. Disse a Izabel que para mim ela era mais que uma vidente: era uma antena

receptora e transmissora dos sinais do inconsciente que percebia ali um canal a mais para acessar nosso interior, uma chave nova para aquela porta ancestral e arquetípica que guarda nosso tesouro, nossa delicadeza, nossa dor. Saí de lá com a sensação de que ela havia sonhado meu sonho para mim. Com o passar dos dias, aquilo foi ganhando mais e mais sentido e sentimentos. Cada imagem, cada cena ganhou forma e temporalidade, sentido e significado, sementes que brotaram, floresceram, frutificaram. Por conta desses resultados tão férteis, resolvi indicar um primeiro paciente para viver a leitura onírica, e o que recebemos para trabalhar no consultório foi um verdadeiro tesouro de imagens. Os personagens internos apresentaram-se sob novas roupagens, sem a neblina do esquecimento dos sonhos, mas com a mesma delicadeza metafórica – tudo permeado pelo “era uma vez”, pelo “como se” que protegia o segredo, o sagrado. Reconhecemos naquele enredo vários dos aspectos que garimpávamos nos sonhos. Ali estavam a sombra, a anima e o animus em seus diferentes aspectos, os medos, os impedimentos, as armadilhas. Muitos meses depois, ainda fazemos referência a determinados personagens ou cenas já conhecidos e agora reconhecidos; muitos meses depois, outras cenas começam a fazer sentido. Não sei se um dia a história se esgota. Sonhos, eu sei, não caducam... Já tive a oportunidade de trabalhar com cerca de dez relatos de pacientes. Cada um é feito de um jeito – assim como cada terapia tem a cara do cliente. Já trabalhei a história como um grande sonho, já analisei cena por cena, também ficamos em um personagem ou em uma dupla de personagens específicos. Houve casos de abandono da história – “Não se fala mais nisso (pelo menos agora)”, “Deixe pra lá (ou mais pra lá)”. Também não indiquei a vivência a todos nem a qualquer paciente. Ela demanda hora e contexto propícios. É a proximidade com o processo do paciente, a intimidade que sinalizará a pertinência ou não desse recurso no contexto terapêutico. Sei que tudo aquilo que tem valor psicológico insiste em manifestar-se e, para isso, usa todos os recursos possíveis. Eles se mostram: resta ter olhos para ver. O trabalho de leitura onírica do inconsciente é um par de óculos que nos auxilia a enxergar melhor.

Parte 1. Os rumos da minha vida

Uma inquietude na alma

Fui publicitária formada pela Escola Superior de Propaganda. No meu tempo, a instituição ainda não havia agregado ao seu nome a palavra “marketing”. Talvez por isso eu tenha estudado essa vertente que faltava à escola nos anos 1970.

Passei por várias experiências profissionais, e algumas delas marcaram-me profundamente. A primeira a me deixar impressões foi a Alcântara Machado e Periscinoto Comunicações (hoje Almap/BBDO). Estas estão contidas num livro que escrevi sobre o Alex Periscinoto em 1995. A obra registra a propaganda brasileira dos anos 1950 aos anos 1990, num relato cheio de emoção e realismo.

A segunda experiência profissional que me marcou muito foi a Editora Abril. Em 1977, a Fátima Ali (na época, diretora da revista *Nova*) chamou-me para um papo e terminou a conversa convidando-me para ser editora da revista. Fiz minha estreia no jornalismo, área na qual permaneci por quase seis anos.

A terceira e mais forte impressão profissional ocorreu quando vivi em Portugal (de 1986 a 1991), onde, atendendo ao convite dos ingleses da J. W. Thompson Publicidade, fui engrossar a equipe que fazia um bom trabalho com a Thompson em Lisboa. O memorável dessa experiência foi que conseguimos levar para aquele canto da Europa um jeito americano de fazer publicidade – que, diga-se de passagem, agradeu muito por lá. Meu desafio foi o de chefiar o departamento de criação e ajudar a cumprir a missão da empresa: “criar a propaganda mais eficaz e criativa do mercado”. Não foi fácil, mas acho que conseguimos.

Em 1992, voltei para o Brasil com uma inquietude na alma. Algo não estava bem dentro de mim. Sentia uma angústia diária ao ter de ir trabalhar em agências de propaganda. Cheguei até a quebrar uma perna no meio do processo. Nos finais de

semana, sentia grande alegria, quando então recebia algumas pessoas, encaminhadas por profissionais que desejavam conhecer mais profundamente o que se passava no inconsciente dos seus clientes.

Esse trabalho foi-se tornando cada vez mais importante e desafiador para mim, e tão forte que se sobrepôs à minha vontade e tornou-se realidade mais cedo do que eu havia planejado.

Com isso, deixei minha antiga profissão, fiz um curso de terapia da linha do tempo, abri um consultório e aqui estou, terminando este livro, que pretende contar um pouco da técnica que desenvolvi sozinha e, por isso mesmo, precisa ser conhecida, criticada, debatida e entendida – se é que podemos entendê-la racionalmente.

Por essa razão, estou à espera de seus comentários, críticas, avaliações e correções.

Como descobri o meu “dom”

19

Desde pequenina, “vejo” imagens ao redor das pessoas. Claro que escondia esse dom da minha família porque temia expô-la ao ridículo.

Com o tempo, e preocupada em sobreviver, dediquei-me com tanta atenção à minha carreira profissional que só tinha tempo para pensar em marcas, produtos, comerciais de televisão e cinema. E, de uma forma ou de outra, trabalhando no departamento de criação das agências, eu acabava criando imagens para os anúncios.

Mas foi em Portugal (mais adiante explico isso melhor) que as visões das imagens voltaram como a única forma de comunicação possível para mim. Como o entendimento entre a equipe era difícil, eu optava, muitas vezes, por deixar meus sentidos captarem o que estava se passando e normalmente conseguia dar respostas ou encontrar soluções conciliadoras para todas as partes.